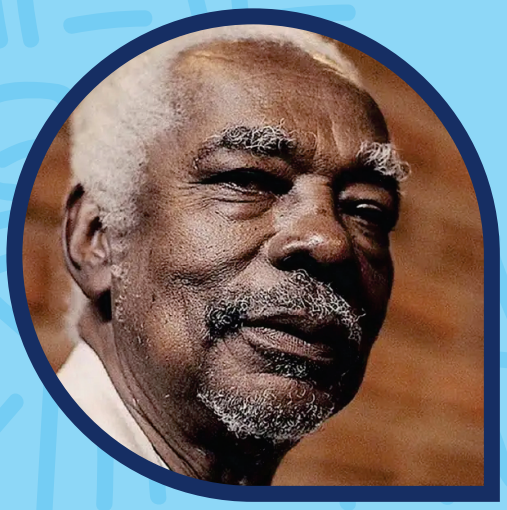
ENTREGA DA COMENDA UBIRATAN CASTRO DE ARAÚJO

AOS MESTRES



Mateus Aleluia



Muniz Sodré

Registro dos eventos realizados em
30 de novembro de 2023 (Mateus Aleluia)
e 14 de novembro de 2024 (Muniz Sodré)

APUB
SINDICATO

AGRADECIMENTOS

Aos professores, estudantes e autoridades presentes
Às entidades presentes
Assufba
Axé Opô Afonjá
A voz do Axé
Brasil de Fato
Centro Acadêmico Ruy Barbosa
Coletivo Resistência Preta
Conen
CUT
Diretório Central de Estudantes
Grupo Clarins da Bahia
Grupo Tortura Nunca Mais
Matilde Charles
Restaurante Aconchego da Zuzu

COMISSÃO ORGANIZADORA
Clarisse Paradis, Márcio André Oliveira dos Santos, Marta Lícia Teles Brito de Jesus, Ponciano de Carvalho e Raquel Nery

DIRETORIA
PRESIDENTA: Raquel Nery Gomes Lima (UFBA/FACED), VICE-PRESIDENTA: Barbara Coêlho Neves (ICI/UFBA), DIRETORA FINANCEIRA Auristela Felix de Oliveira Teodoro (CONTABILIDADE/UFBA), DIRETOR ACADÊMICO Márcio André de Oliveira dos SantoS (MALÊS/UNILAB), DIRETOR DE COMUNICAÇÃO E CULTURA Marco Cerami (MATEMÁTICA/UFBA), DIRETOR SOCIAL E DE APOSENTADOS Manoel Marcos Freire d'Aguiar Neto (FÍSICA/APOSENTADO/UFBA), DIRETOR ADMINISTRATIVO Renato Francisquini Teixeira (FFCH/UFBA)

Redação: Clarisse Goulart Paradis , Marta Lícia Teles Brito de Jesus, Ponciano de Carvalho, Ana Fernanda Souza, Clarissa Viana, Igor Carvalho Santos e Micaele Santos da Matta
Secretaria: Vera Nilza Guedes
Logística: Arnou Góis
Artes, layout e diagramação: Carlos Vilmar
Fotos: Ronald Cruz, Igor Carvalho
Transmissão: Mário Calfa

ascom@apub.org.br



Introdução

Em novembro de 2023, a APUB deu início a uma iniciativa que esperamos tornar uma tradição para o nosso sindicato – a instalação de uma Comenda que leva o nome de um professor da Universidade Federal da Bahia, filiado ao nosso sindicato, Ubiratan Castro de Araújo (*in memmorian*) e homenageou personalidades negras que contribuem para construir novos tempos e novos mundos, a partir da denúncia do racismo e da recuperação das rotas e histórias de liberdade do povo negro da Bahia e do Brasil.

A iniciativa nasce na Gestão "Tecendo o Amanhã" da APUB (2023-2024), a qual tem o Sankofa, um ideograma africano representado por um pássaro que tem a cabeça voltada para trás, indicando que no presente só é possível construir um futuro aprendendo com o passado, e conta com o apoio de movimentos e organizações sociais, como o Programa Voz do Axé.

A Comenda ganhou o nome do professor Ubiratan Castro, uma justa homenagem a esse professor que nos deixou precocemente, mas plantou muitas sementes de luta por uma universidade enegrecida, de reconhecimento da história de luta do povo negro por liberdade e igualdade

Ubiratan Castro, falecido em 2013 aos 64 anos, era historiador, professor doutor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, da cadeira de História da Bahia, e um dos fundadores do Centro de Estudos Afro Orientais (Ceao). O professor foi presidente do Conselho para o Desenvolvimento das Comunidades Negras de Salvador, diretor da Fundação Cultural Palmares e diretor da Fundação Pedro Calmon, ligada à Secretaria de Cultura do Estado da Bahia.

O primeiro homenageado, em 2023, foi o Grande Mestre Mateus Aleluia, nos seus 80 anos. Mateus Aleluia marcou definitivamen-

te a música e cultura brasileira como cantor, compositor, instrumentista, pesquisador e remanescente do grupo Tincoãs. A ligação entre Mestre Mateus e Prof. Ubiratan não era apenas simbólica, eles foram amigos, razão pela qual o aceite da honraria se tornou ainda mais especial. Ele lembra que foi recebido pelo Prof. Ubiratan no CEAO, na sua volta ao Brasil, depois de um longo período de residência em Angola, o que ele chamou de "cartão de receptividade na terra", que abriu portas para os projetos que viriam a florescer.

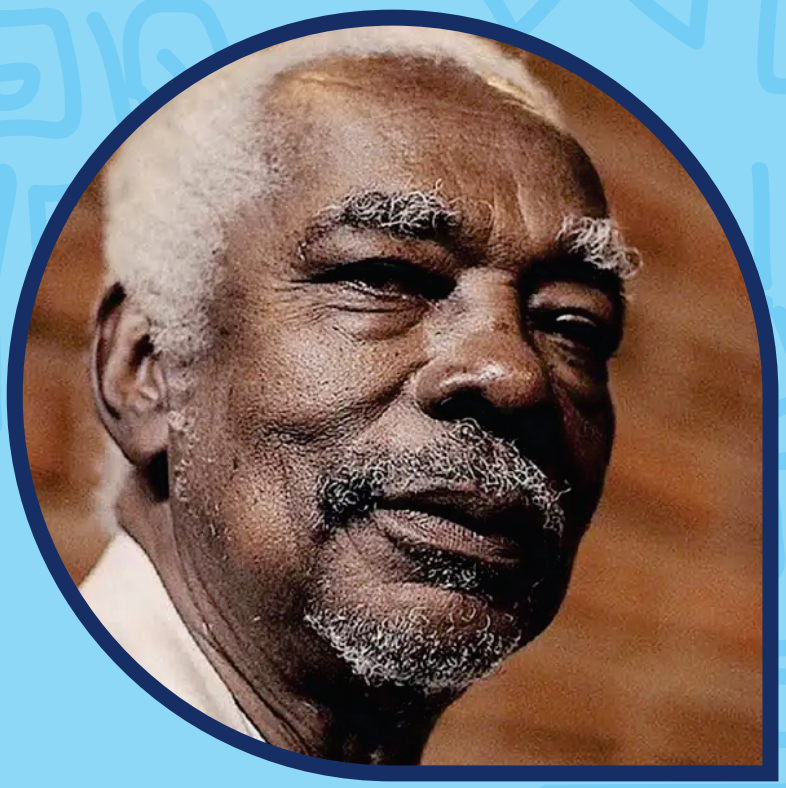
Na segunda edição, a Comenda Ubiratan Castro foi entregue a um dos maiores intelectuais brasileiros, Muniz Sodré, aos seus 82 anos. Muniz Sodré é sociólogo, jornalista, tradutor, professor universitário (UFRJ) e Obá de Xangô no Ilé Axé Opô Afonjá. É pesquisador da comunicação e do jornalismo com vasta obra publicada. Em 2019, Prof. Muniz assumiu a cadeira 33 da Academia de Letras da Bahia, justamente a mesma cadeira ocupada pelo Prof. Ubiratan e também pela Yalorixá Mãe Stella de Oxóssi.

A riqueza desses dois eventos e todas as dimensões simbólicas desses enlaces nos motivaram a registrar parte das belas palavras proferidas nas duas ocasiões, que também teve lugar a outras linguagens, tal como pode ser observado, por exemplo, no canal do youtube da Apub, o registro dos Clarins da Bahia e os tambores dos Alabês anunciando a chegada dos homenageados. A publicação nasce, portanto, da preocupação de preservar a memória de uma iniciativa inédita da Apub e do seu compromisso com a partilha de saberes com as gerações futuras. A memória dos sonhos coletivos que são possíveis sonhar no âmbito do tradicional sindicato de docentes das IFES baianas, cada vez mais implicado com suas próprias lutas e razão de existir, qual seja, a defesa intransigente da democracia, universidade e melhoria das condições de trabalho e salário da categoria que representa, que se somam, ano a ano, as agendas prioritárias dos movimentos sociais, em especial, a agenda do movimento social negro, e a luta antirracista.

Desejamos uma ótima leitura!

ENTREGA DA COMENDA UBIRATAN CASTRO DE ARAÚJO

AO MESTRE



Mateus Aleluia



Comenda Ubiratan Castro em homenagem ao Mestre Mateus Aleluia (2023)

Ponciano de Carvalho (prof. da Faculdade de Direito da UFBA e diretor acadêmico da Apub)

Fala proferida no dia 29 de Novembro de 2023, por ocasião da Instauração da Comenda Ubiratan Castro, entregue pela APUB, em seu Novembro Negro, ao Mestre Mateus Aleluia.

Quando você, no caso a mim mesmo falo de alguém que conheci e foi inspiração de vida, como Bira, ou venho a homenagear como fã que sou alguém como Seu Mateus, para não deixar a língua solta no tempo curto e no caminho longo da emoção, melhor mesmo é traçar algumas linhas para não perder totalmente a razão.

Bira me disse uma vez (quando dividi com ele uma Mesa em Congresso da OAB-BA, e eu tinha apenas 22 anos) "continue, meu filho, no caminho dos estudos que você anda fazendo. Mas olhe, leia também Abdias do Nascimento e Milton Santos, além de Darcy que você já está lendo." E com Seu Mateus dormi noites frias da pandemia fora do Brasil, em Berlim na Alemanha, mas aquecidas pela luz quente que saía da voz e de sua alma, grafada (essa) em suas canções.

Mas, voltando à razão e a métrica do tempo. Aqui vou eu, começando por dizer que a decisão da APUB de entregar a Primeira Comen-

da Ubiratan Castro à Seu Mateus Aleluia não quer desde saída significar uma celebração que nos traz um fechar de olhos ao racismo que é, ao lado da forte desigualdade econômica, o marcador de assimetria fundamental da sociedade brasileira, a linguagem determinante de nossa miséria democrática.

É o contrário disso. Com Bira, aprendemos que nossa formação histórica de dizimação dos povos originários e escravização de povos negros vindos da diáspora africana, durante no mínimo 338 anos, legou-nos um modelo tão enraizado socialmente, que terminou por moldar condutas de desigualdade racial para muito além da abolição da escravatura.

O racismo é excludente e perverso. O racismo é desnutrição de ânimo de viver. O racismo é pulsão de morte. Mas ele não pode nos matar enquanto lutamos, vivemos e amamos. Devemos sim denunciar a exclusão e a perversidade. São inúmeras as estatísticas, mas, por exemplo, convido vocês a irem ao Hall de entrada dessa Faculdade no dia de hoje, para visitar uma exposição chamada "Mostra Presença Negra na Faculdade de Direito". Virão que de mais ou menos 122 professores na ativa hoje, não temos nem mesmo 10% de negros. Embora as quotas raciais tenham pintado um pouco mais de preto os corredores das Universidades Públicas, ao menos em estudantes, das 302 instituições de ensino superior públicas no Brasil, isso dado do início desse ano de 2023, apenas 08 delas, isso mesmo oito delas tinham Reitores Negros.

Então qual a ideia dessa manhã de instauração e entrega da Primeira Comenda Ubiratan Castro?

É que entendemos (nós dessa Diretoria da APUB) que o simbólico do Mestre Bira e de Seu Mateus é um lugar possível de buscar a mudança para uma sociedade democrática e antirracista. Um lugar de denúncia grave, dura, mas doce; vigorosa, mas poética. Um verdadeiro paradoxo da crítica que impulsiona a vida em sedução para a luta.

No seu timbre grave Seu Mateus canta a doçura de uma ancestralidade viva em todos nós. Tudo em Seu Mateus é força, fé, trabalho e amor, muito amor. O amor nutrido e nutriente de e em cada palavra. A palavra não tem travas de sentido no significado lógico fácil. A sua palavra se mistura com a melodia do violão e dos tambores, e tudo se mistura com o sorriso negro, com as lágrimas e os cheiros de plantas e ervas. A palavra é saudação do que não vemos aqui e agora, a palavra é sentimento, a palavra é passarinho, a palavra é Tincoã.

E assim Seu Mateus nos guia, leva-nos ao passado, nos resgata da dor de não sermos vistos, e nos faz para sempre nobres de um mundo novo, com direito ao sonho de um país verdadeiramente democrático.

Um país que se quer negro, muito negro, que se quer mestiço em seus tons de cores negras, que se quer branco - sem privilégios, que se quer na luta de continuar lutando. Um país que se quer em pulsão de vida.

E aqui nessa manhã, eu tenho (nós temos) dois exemplos decisivos de vida pulsante. E aqui Bira e Mateus se entrelaçam. De Luanda a Cachoeira, ou do Àyié de Salvador ao Orum, tudo se mistura em fogueira doce que não queima, mas aquece a alma.

E assim olhar nessa manhã para Seu Mateus lembra Bira, e Bira lembra Seu Mateus. Ambos mestres de luta, vida, poesia e conhecimento sofisticado para o infinito.

Com essas palavras inicio essa celebração.

Penildon Silva Filho (Vice-Reitor da UFBA)

[...]

A Universidade Federal da Bahia se transforma a partir desse movimento social, cultural, político, do movimento negro. A Universidade Federal da Bahia é outra universidade hoje. Em 1990, essa universidade era basicamente uma universidade branca, era uma universidade diurna, não tinha cursos noturnos, era uma universidade muito elitista. Naquela época, o que se dizia é que se você quiser trabalhar e estudar, tem que estudar na Universidade Católica, porque a UFBA não era uma universidade para estudantes trabalhadores.

E hoje a universidade está radicalmente modificada, não somente a UFBA, mas o conjunto das universidades brasileiras. Hoje nós temos pesquisas da Andifes que indicam que 70% dos estudantes das universidades federais brasileiras são de famílias que têm uma renda per capita mensal de até um salário mínimo e meio. Isso é o máximo. E dentro dessa faixa, 27% são de famílias de até meio salário mínimo. E a maior parte, cerca de 55% dos alunos, são de alunos negros, pretos ou pardos. Temos muito ainda a avançar. Temos que avançar muito na composição, também, étnico-racial do corpo docente, já temos a maioria de técnicos de assuntos educacionais, os TAES, que são de negros também.

[...]



Nós inclusive, sexta-feira, tivemos a entrega do título de doutora *honoris causa* a Creusa Oliveira, representando um grande movimento social também, com o movimento dos trabalhadores e trabalhadoras domésticos, e dizer que a Universidade Federal da Bahia se enriquece, se transforma e se torna muito mais relevante para a nossa comunidade baiana. Muito obrigado pelo convite, muito obrigado a Apub e vida longa ao Mestre Mateus, vida longa à Apub. Obrigado.

Wlamyra Albuquerque - (profa da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, representante CEAO/UFBA)

É uma honra imensa estar aqui hoje. Eu tenho certeza que o professor Ubiratan está rindo de mim em algum lugar, tenho certeza absoluta disso. Eu sempre me esquivo de falar sobre a importância desses personagens na minha própria trajetória, principalmente por se tratar do fato de eu estar aqui como representante do CEAO, representante do Departamento de História e como superintendente de relações internacionais. Eu acho que essas posições ultrapassam a minha própria trajetória, elas se sobrepõem a minha própria trajetória. Mas hoje é inevitável.



O professor Ubiratan estava na minha banca de ingresso no mestrado da UFBA. Ele foi um dos idealizadores, junto com o professor João Reis, do programa de pós-graduação em História da UFBA. Eu, como todos os outros estudantes negros e negras da minha geração, de periferia, estudamos na Católica. E o mestrado era a porta de entrada para a tão desejada Universidade Federal da Bahia. E o professor Ubiratan me encontrou na porta e disse "Se você quer entrar, você vai".

Depois eu me tornei diretora na gestão do professor Ubiratan na Secretaria de Cultura, à frente da Fundação Pedro Calmon, que foi uma gestão em que as culturas populares ganharam uma relevância impressionante no projeto de cultura do Governo do Estado da Bahia. Era um momento de ascensão do governo Lula, era um momento em que estavam sendo discutidos os pontos de cultura, os pontinhos de cultura e o mestre Mateus Aleluia, não sei se ele vai lembrar disso, nos saudou com uma grande apresentação convidado pelo professor Ubiratan Castro no Palácio da Aclamação, no palácio Rio Branco, na praça municipal. E naquele momento, eu estava numa mesa como essa ao lado do professor Ubiratan e ele disse assim: "Nunca mais vai ser possível que se ignore um personagem como Mateus Aleluia".

Eu acho que ele tá rindo porque eu estou aqui substituindo a minha amiga, minha colega Jamile Borges que é de fato a diretora do CEAO e que precisou viajar por um compromisso de trabalho. Tem uma trama nisso que só pode ser mais uma das muitas, o professor Ubiratan adorava pregar essas peças na gente. Ele adorava nos colocar em posições em que a gente tivesse que dizer de onde vem. Então uma das coisas que eu ouvi muito do professor Ubiratan é que a gente sempre deveria dizer de onde vem.

[...]

Marta Lícia Teles Brito de Jesus
Profª da Faculdade de Educação UFBA, presidenta da Apub Sindicato

Saudações a todas as pessoas presentes e aos membros da mesa, em nome do nosso homenageado de hoje, Seu Mateus Aleluia, que tanto nos emociona e ilumina com a sua presença.

Antes de iniciar minha fala, na condição de presidenta da Apub sindicato, da gestão Sankofa – Tecendo o amanhã (2022-2024), peço licença aos mais velhos e aos mais novos. Espero ser breve, já que não é possível conter a emoção e o meu entusiasmo, o roteiro que escrevi deve me ajudar a, em poucas palavras, expressar as motivações para a instalação da Comenda Ubiratan Castro de Araújo, o nosso Bira Gordo, neste novembro de 2023.

A Comenda intitulada prof. Bira comunica a nossa intenção em aprofundar a participação da Apub Sindicato no calendário do novembro negro, gestado e organizado pelo Movimento Social Negro, de modo a reafirmar o nosso compromisso com a luta antirracista.

Bira?? Bira!!!! Bira... obviamente não há uma razão para a Comenda receber o seu nome, mas a ideia principal foi, sem dúvida, trazer ao universo acadêmico-sindical, como uma semente, a sua contribuição para as futuras gerações, rememorando quem foi este professor e filiado, e o que ele representa para nós.

Celebrar o prof. Bira junto aos familiares, especialmente esposa, a nossa Goinha, e filha, a querida Barbinha, admiradores, ex-orientandos, ex-alunos e amigos, é lembrar do zelo de Bira com a política, é sentir saudade de suas apaixonantes palestras e aulas de história da Bahia, de seus incontáveis projetos para a cidade de Salvador e recôncavo. É como se pudéssemos vê-lo novamente no calendário de festas populares, principalmente no festejo do 2 de julho, independência da Bahia, e em todas as iniciativas importantes que nos motivam a abraçar a causa antirracista.



O prof. Bira que virou estrela, deve estar feliz, alegre, emocionado e se divertindo muito no dia de hoje. Concordo com a professora Wlamira de Albuquerque, sua ex-orientanda e hoje professora do Departamento de História da UFBA, que Bira deve estar rindo muito de todos nós. Daí o motivo pelo qual me sinto à vontade para compartilhar algumas lembranças pessoais.

As primeiras vezes que tive a honra de encontrar com o prof. Bira, era estudante de Pedagogia e namorada de seu monitor, o prof. Paulo de Jesus, ainda na década de 1990. Bira olhava pra mim, naquele tempo em que eu não bebia, quase não comia, não transava, mas quase sempre mentia, e dizia: "lá vem a freirinha"..rs. Lembro de vários momentos carinhosos, afetuosos e de muita generosidade intelectual de prof. Bira, mas não tenho tempo de continuar compartilhando, pois o prof. Ponciano, diretor acadêmico da Apub que coordena a mesa, daqui a pouco vai dizer: "professora, Marta, você preside o sindicato, mas aqui sou eu quem estou coordenando, e você

não tem muito tempo, seja breve...rs."

Retomando, para nós da Apub, a Comenda diz sobre um professor brilhante, um professor negro e baiano, com um vasto repertório, cuja trajetória revela um exímio pesquisador, palestrante, administrador, agitador, multiplicador, extensionista. A comenda é uma homenagem da Apub sindicato a este filiado ilustre, cuja data do pedido da filiação ocorreu em 12 de dezembro de 1978, repito 1978, quando éramos ainda uma associação de professores, criada na ditadura militar para defender a democracia, a universidade e os docentes.

Só a título de enriquecimento e registro, a fonte que consta a informação da filiação do prof. Bira está no arquivo da Apub sindicato, que tem muito a oferecer aos historiadores. Trata-se de um documento, uma ficha de filiação, datilografada, cuja aprovação definitiva do pedido é assinada e datada, em reunião de diretoria, quase dois anos depois da intenção do professor, em 14 de maio de 1980.

À época, Bira era um jovem e promissor professor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, já com um currículo demarcadamente político e voltado para as lutas coletivas em prol de um mundo mais justo e ético. Oriundo do movimento estudantil, Bira militou no Colégio Central, na Universidade Católica de Salvador, onde estudou História, e teve uma atuação integrada com o movimento estudantil da UFBA, onde ele veio a cursar Direito, nesta escola em que ocorre a Cerimônia de hoje, no dia 30 de novembro de 2023, preparada com muito carinho e amor por todos nós, para receber o nosso querido Mestre Seu Mateus Aleluia.

A Comenda é uma oportunidade da Apub abrir mais um canal de comunicação junto aos coletivos e movimento social negro baiano, para além do que já fazia e faz, ao apoiar e se fazer presente nas marchas, nos eventos formativos, seminários etc. Viva os coletivos, movimentos e lideranças negras aqui presentes, vocês nos dão "régua e compasso" e nos convocam para luta contra as desigualdades e preconceitos de cor, especialmente nesta cidade "negra cor".

A comenda se serve da memória de Bira, professor dos bons, um militante incansável e dá o nosso recado: você sempre estará entre nós, quando estudamos mais, militamos mais, realizamos a docência de forma apaixonada, e quando orientamos pesquisas com perguntas inquietantes, assim como, por meio de atividades extensionistas sempre mais engajadas e melhores em interlocução com os parceiros.

O humor e o sorriso de Bira servem de inspiração para nos mover diante das injustiças raciais e sociais. A vida de Bira, sempre esteve a serviço da boa política, por meio da defesa cotidiana de causas coletivas nobres, em todo e qualquer espaço em que o nosso querido professor esteve, na universidade, sala de aula, coordenação de pós-graduação, no CEAO, a frente da Fundação Pedro Calmon e da Fundação Palmares, na irmandade do Rosário dos Pretos, nas comemorações de Santa Bárbara, ou no cortejo do 2 de julho...Vemos Bira em cada canto da cidade, na Saúde, no Centro, em Itapuã, em São Lázaro, em todo lugar...

A sua dedicação pela pesquisa, o gosto pelos livros e arquivo, sua participação singular e destacada na organização de eventos, na sua escrita e na sua oratória invejável, cuja mensagem era compreendida por qualquer público, do acadêmico de uma universidade renomada, as crianças e jovens de escolas públicas do ensino fundamental e médio, sem distinção.

No dia de hoje, a Apub sindicato traz em sua propositura o nome deste intelectual

negro de grande envergadura e comunica em alto e bom som, uma só emoção: o nosso sentimento de saudade de prof. Bira. É com este sentimento que, parafraseando-o, Seu Mateus Aleluia, que canta e nos ensina como viver "despreconceituosamente a nossa vida!", uma das minhas canções preferidas, que chamo Goinha, Maria da Gloria, viúva de prof Bira, para receber a nossa homenagem e estas flores.

[aplausos e pausa para fotografia]

O primeiro a receber a honraria, fruto da comenda, é o nosso ancião, o mestre Seu Mateus Aleluia, um comunicador que com o seu canto, nos ensina a importância do silêncio, do lamento, das dores da escravidão e suas repercussões ruins, dos sonhos, alegrias, da nossa relação com o sagrado, das religiões de matrizes africanas, da sabedoria de quem fala da paz, do amor e da bondade, com a certeza de que não esquecemos o mal que é o racismo e o nosso papel na luta para erradicá-lo. Um canto ancestral que convoca as forças positivas do universo, os sagrados Orixás, a nos acalentar.

É em nome de professor Bira e dos 2800 filiados da Apub sindicato, que por meio da diretoria executiva, conselho fiscal e de representantes, prestamos a homenagem ao querido e ilustríssimo Mestre, Seu Mateus Aleluia, uma forma de dizer a universidade e a sociedade o quanto seremos exigentes, no futuro, na tradição de conceder essa honraria nas atividades do novembro negro. Afinal, hoje somos testemunhas desta dupla homenagem, aos amigos Bira Gordo, filho de Obaluaiê, e Seu Mateus Aleluia, filho de Nanã, marcando, profundamente, este ritual.

Bira gordo, certamente está feliz, com a homenagem a Seu Mateus, um guerreiro vindo de Cachoeira, recôncavo baiano, tão estudado por ele, que com sua música nos leva as nossas relações ancestrais com a mãe África, com as religiões de matrizes africanas e com a negritude que nos enche de orgulho e sabedoria deste Brasil, da Bahia.

Por fim, ao Mestre, seu Mateus Aleluia preciso dizer que é o senhor com sua generosidade que nos homenageou com o seu aceite a este convite. Nós fomos presenteados pelo senhor, com sua presença no dia de hoje. Gratidão. Esperamos de tempos em tempos, ao entregar essa comenda no futuro, escolher alguém que Bira e o senhor admirem, para nos motivar na luta contra a perseguição aos terreiros, na demarcação de mais quilombos, na docência e ensino de cultura afro-brasileira e da nossa relação com África. Enfim, que o dia da entrega da Comenda Bira seja sempre um dia de amor, de alegria e de inspiração para a luta antirracista e de reverencia ao cultivo da sabedoria. Uma salva de palmas ao nosso mestre seu Mateus Aleluia!

[palmas]

Obrigada!



Bárbara Araújo, filha de Ubiratan Castro

"Quando disseram que ele ia ser homenageado no mesmo dia de Mateus Aleluia, eu me arrepiei e pensei mais uma vez que realmente a vida imita a arte e arte imita a vida. Porque desde criança todo mundo fala que nunca viu uma pessoa que consegue viver sem música, e meu pai era assim. Ele ia dormir ouvindo música, acordava ouvindo música, os discos... [...] É só saudade boa, traz saudade boa, são dez anos de saudade mas ele está sempre presente em nossas vidas e assim que eu bati o olho aqui foi só saudade boa também. A APUB, o CEAO, eu lembrei que em 1997, ele ficou muito orgulhoso e feliz falando que "A nossa APUB vai ter o próprio plano de saúde, eu não vou mais precisar pagar plano de saúde a empresários que não sei quem são, e esse (plano) aqui é nosso. É da Universidade Federal da Bahia". E a gente foi lá em 1997, mas até hoje agradecemos a APUB Saúde que ajudou em todo o tratamento dele.

"O mais importante é saber que a UFBA saiu do acastelamento, porque o maior sofrimento dele era esse... Ele não conseguia imaginar a Universidade Federal da Bahia numa realidade paralela, pois Salvador não era como a UFBA era. Ele não se conformava com isso e era a luta dele.

[...]

Também não tem como não lembrar do que ele sempre falava dos ancestrais, dos antepassados, que ele sempre falava do pai dele Antônio Ferreira de Araujo, Zilda Isabel de Castro Araujo. O racismo sempre esteve presente, embora todo mundo fale que "Ubiratan é brilhante!" ou "Ubiratan é intelectual!" era sempre associando a inteligência à instituição, à formalidade. Ele sempre lutou contra isso, ele falava que não existia exclusão e nem formalidade, que não existia Universidade fora da cultura popular, que não existe tradição escrita brigando com tradição oral, ele sempre estava falando que a tradição oral era riquíssima e que não poderíamos perder isso.

[...]

Quando a gente era criança e falava que o racismo era bocó, bobo ele ensinou a ver mais. Quando crescemos ele foi explicando que se tinha uma coisa que o racismo não era, era ingênuo, bocó e que pelo contrário, era muito bem articulado e que era preciso lutar contra. [...] E a luta é isso aí, a gente vê grilagem escancarada. É uma coisa assim, às vezes é meio camuflado, mas às vezes é escancarado e é muita luta. E ele lutou, viu!? Se tem uma pessoa que batalhou na vida, foi meu pai. Orgulho, painho! (risos) Obrigada!"

Fala do homenageado Seu Mateus Aleluia

30 de novembro de 2023, manhã. Faculdade de Direito - UFBA



Foram me chamar, estou aqui, já dizia Dona Ivone Lara. É verdade. Eu gostaria de presentear vocês com uma canção, com um oríkì, mas vocês estão vendo minha condição vocal. Por acaso eu nem podia falar, tinha chamado até meu amigo Clovis Caribé para fazer um pronunciamento por mim, mas diante de toda essa emoção, eu digo alguma coisa mesmo.

Quem falou aqui em "despreconceituosamente"? "Uma voz rouca", né? Hoje eu tô realmente uma voz rouca. Despreconceituosamente nós vamos levando a nossa vida, não nos importa, pelo menos a mim, a cor da pele, nem me importa a cor da ida. Não me importa a cor da volta, porque é bonita a cor que eu sou. Por favor, não feche a porta, me aceite como eu sou. Porque sou filho da poeira e eu sinto o pó em minha volta. Se você me fecha a porta, o amor vai me amparar. Nós somos filhos de Zambi, somos filhos de [...] somos filhos de Mawu-Lisa, somos filhos de [...] somos filhos de Olodumarê.

Nós temos as nossas guias e nossos guias. Essa força incognoscível sempre está conosco. Mesmo que não a percebamos. Nada vem só por vir. Mas também vem porque tem que vir. Hoje eu tenho que falar um pouquinho se me permitem. Verdade, verdade. Vim ser homenageado aqui pela Apub. Representando aqui a nossa massa humana que atravessou esse Atlântico há séculos atrás. Aqui estamos. Mesmo parecendo, já não somos os mesmos. Nos tornamos realmente brasileiros. A terra que nos fez calar, essa terra, hoje, nos ouve também. Nós somos a fala, tudo porque nós sempre acreditamos no movimento permanente da música como fonte de tudo quanto existe, de tudo quanto nós percebamos. Não me canso de falar, antes de estarmos aqui como seres viventes, antes de nós chegarmos, todo o livro, o mais antigo da mais antiga das religiões, afirma que o homem, como nós nos designamos, que esse ser vivente que a gente chama de homem, antropologicamente, foi a última parte da criação. Então, se é a última parte da criação, quando nós aqui chegamos, assim como nós estamos, tudo já tinha sido criado. Como é que tudo isso surgiu? Que movimento dos elementos esse? Essa terra? Imagine agora a audição de uma terra se movimentando, os elementos, as águas se movimentando... por cima... água de cima, água de baixo... as cachoeiras, os trovões falando... de clarins, de trombeta. Tem-se aquele movimento [emissão de sons], faíscas, a ventania, os violinos né... quem foi que teve essa ideia magnífica de criar esse arranjo sonoro? A música tava aí. As folhas batendo umas com as outras, percussão totalmente natural. Quando nós chegamos, nós seres viventes designados por homem, que vimos tudo isso. Foi aí que nós tivemos necessidade de falar, para dizer pro outro: olha que coisa linda! Porque até então tudo era música e continua sendo. E a fala, o verbo, é somente a música, como se fosse concreto, né?!



Eu pensei, mas se eu pensar só, você não capta meu pensamento ainda. Então, eu preciso alguma coisa para poder saber o que é que eu estou fazendo, o que é que eu tô pensando, o que é que eu canto, o que eu posso cantar sem ninguém ouvir, né?! Eu tenho muito disso, ou melhor, todos nós temos, cantando interiormente para poder amenizar a nossa existência.

Eu vi aqui nossa irmã totalmente emocionada. Que coisa linda. Uma muito amiga minha, entendida nessas questões das emoções, chamada Cátia – já nem digo o sobrenome dela, que eu sempre barulho, então é melhor só Cátia, eu chamo a menina Cátia – e ela um dia estava me explicando que realmente a lágrima, o choro, é a forma de você se acalmar. Você apazigua seu espírito, vocês tem constante erupção como o vulcão e para acalmar essa erupção, para que o vulcão não... então você chora. Aí realmente você se apazigua, você se admoesta. Você fica admoestado por você. É você sabendo o que você precisa para se curar. É você ordenando as suas milhões de células emotivas que te compõem, que dizem assim: você é um Orixá, você é um Ogum, você é Xangô, você é Iemanjá, você é Nanã, você é um inquice, você é um vodu. Então, você é uma energia que emana de uma usina energética que criou tudo quanto a gente imagina e tudo quanto a gente não imagina. E uma centelha dessa usina é que nos anima, essa energia. Uma centelhazinha dela, a que cada um de nós realmente temos conosco. Uma faísca que o outro não tem e uma microusina que sabe atrair cada faísca dessa, que tem uma identidade com o comportamento psicológico nosso. Essa usina, microusina que nós temos é o nosso orí. Que alquimia fantástica, que alquimia fantástica! O nosso orí é uma microusina. Tem a macrousina, agora nós temos essa micro. Como é que essa linguagem nova que tem, que vocês colocam aquele negócio do computador? O chip! Isso é interessante. Exatamente, o chip. E o nosso orí é que gerencia qual dessa intenção energética vai te conduzir. Se é intenção de guerra, então te põe aquela energia de Ogum. Se é intenção de carinho, põe aquele chip de Oxum. Se é intenção de abundância, te põe aquele chip de Odé, Oxóssi, Mutalambô. A Floresta tem tudo. Se você precisa de uma cura, de por aquele chip de quem? Hein? Agué, Ossain, põe aquele chip de de Agué Tata, Katendê então você passa a ter um conhecimento das Folhas, das Ervas como nem todo biólogo tem. E vão te perguntar como é que você domina isso? Na realidade, eu não domino nada. Quem me domina que domina. Colocaram naquele momento um chip, depois tiraram o chip. Novamente, eu fico sem conhecer nada. Quando eu falo, eu digo a vocês, que todos nós temos isso. E daí que essa maravilha de encontro proporcionou isso. Eu, que não podia falar, de repente, co-

meço a falar, como se fosse, sei lá, um ancião alquímico. E, de repente, eu começo a brincar como se eu fosse um Erê. Porque, na realidade, eu sou essa mistura de jacaré com cobra d'água. Sou, sim! Adoro uma brincadeira! Sem brincadeira não existe vida, sem brincadeira não existe... como é que se chama? Cura. Nós temos que criar ambientes para curar.

Ainda há pouco tempo eu estava falando sobre isso. Antigamente, chegava pessoas malucas, assim, em tudo que era canto. Falar da minha cidade: "leva ali no terreiro de fulano de tal lá". No terreiro que era perseguido, mas, nesse momento, pega o maluco, leva pro terreiro. O Pai ou Mãe de Santo pega o maluco, manda botar ali - botar ali, aonde? - junto com vocês, também, com todo mundo, todos vocês também são malucos, né?! Ali, o maluco deixou de ser maluco. Ali, ele faz parte de uma coletividade, o terreiro – olha que coisa linda! Passado alguns dias, ele, naquele ambiente, sem ninguém o discriminar, dando a ele ocupação programada. Hoje em dia eu chego a essa conclusão: passado três meses, estava curado daquele mal. Já não era mais maluco ou maluca. Ele já era uma pessoa que passou por uma reinserção social espontânea através do terreiro. Daí é que nós defendemos sempre que o nosso culto é quem nos deu essa estaleca.

Não sei se vocês entendem essa minha minha linguagem, né?! Exatamente: o nosso culto é que definiu e nos adestrou para essa cultura maravilhosa que nós temos. Se não houvesse o culto não teríamos realmente nenhuma cultura. O culto é que nos disciplina a determinadas práticas que, depois, se transforma realmente em cultura. É o modo de um povo se comportar, é um comportamento de uma coletividade. E a parte do culto? A parte do culto é aquela outra parte: é quando lhe põe na sua microusina aquele chip né, que, normalmente, na nossa religião, nós fazemos o fazer da cabeça: ajeum, ajeumbó. Você vai dar comida à cabeça. E isso é uma coisa tão fina, tão alquímica, que depois isso me levou a pensar: eu dando um passeio pelo Congo, em mil quatrocentos e noventa e pouco. Eu fui lá, em mil quatrocentos e pouco. Repare: que viagem! Vão querer dizer: que vinho o senhor tomou, seu Mateu? Não foi vinho não, rapaz! Isso é propiciado pela nossa cultura alicerçada no nosso culto. É verdade! Então, volto lá para fazer o quê? O que era mesmo que eu fui fazer no Congo? Foi, eu visitei o Congo para fazer o quê? Bom, vou pegar o Congo e dizer: Ah, porque os congoleses eram ágrafos, não escreviam. Toda uma cultura oral. Impressionante. Um povo com aquela bagagem cultural. Que o Congo é uma bagagem cultural, que, pronto!, deixou para nós. E não só nós. Vamos ter que realmente nos debruçar mais sobre isso. Aquela Costa da Guiné toda, praticamente, era dominada e influenciada pela cultura do Congo, antes de existir Angola. Aquilo era tudo influenciado pela cultura do Congo e o Congo era ágrafo. E como nos deixou tantas histórias, só pela memorização... Aí, você vai procurar saber que havia um ritual em que era designado quem nasceu com aquela inclinação de ser o guardador da memória da comunidade. Como se fosse um tipo de feitura, um sacerdócio especial. Então, aquelas pessoas eram escolhidas, eram recolhidas. Tinham um tratamento todo especial. Por certo que aquelas pessoas que eram responsáveis para passar a história de geração em geração. E o que é que me leva a crer: o que é que é comum nesse povo que era ágrafo? A prática do ajeum, ajeumbó! Cada um, na sua língua. De fazer a cabeça, de alimentar anualmente a cabeça.

Aí procurei, falei com Manuca, me reuni com Lu, posteriormente me reuni com Ari da Mata. E, assim, fui formando o meu QG para ser rebatizado em Cachoeira. Para poder ser rebatizado na Bahia. Foi aí que Manuca falou: não, você tem que conversar com o professor Ubiratan de Castro. Ele vai te orientar com esse programa que você pensa realizar. Qual? Que programa era esse? Lá eu via a Bahia, principalmente Salvador, como, pronto, local



mais interessante do mundo para um turismo científico cultural. Era isso: do projeto de turismo científico cultural. Eu não quero promover nem incentivar um turismo predatório, entendeu? Da ciência e da cultura, porque, candomblé é cultura. Eu nunca vi ter candomblé depredado por quem o pratica. Ao contrário! Há um respeito muito grande e se faz tudo. E a gente também se entretém no terreiro de candomblé. É o entretenimento saudável, porque o entretenimento é a cultura. No religare, para você subir e conversar com os orixás, é o culto. Aí é um momento sagrado, aí o "couro come. Porque antes do couro comer, o couro tem mesmo que se alimentar, para depois começar o ritual. Então, quando Manuca me levou para apresentar a Bira, posteriormente, chegou até [...] nesse mesmo dia. Me apresentou a Bira, nós começamos, falamos. Bira, com aquele jeito que você já sabe. Hoje ouvi Bira [*Risos, aponta para B*árbara *filha de Bira, que havia falado antes no evento*]: Deus, quando falou, eu disse: meu Deus, que negócio! [*Risos*] Não é verdade? Aí digo: olha só como as coisas são?! Eu fiquei muito feliz, viu?! Muito obrigado por esse recuerdo. Então, Bira me recebeu no CEAO, foi por isso que eu falei: muita coincidência tudo isso. Foi meu cartão, digamos assim, de receptividade na terra, aqui na terra, para poder eu dizer que eu sou Mateus Aleluia, que tenho algumas propostas para poder realizar, entendeu?! A partir daí foi que as coisas foram se costurando até realmente a terra saber que eu nunca saí da terra, né?!

Eu saí de uma Baía de Todos os Santos para a Baía de Luanda e depois eu saí da Baía de Luanda e voltei para Baía de Todos os Santos. E as baías, acidente geográfico, elas se comunicam entre si, né?! Como diz Gil numa música: "beira do mar, todo o mar é um", entendeu? Somente os nossos têm essa visão, somente os nossos alquímicos. Essa frase de

Gil tem uma profundidade muito bonita: todo o mar é um. Então, eu saí de uma baía para outra. Agora saí da outra baía para outra baía. Então, a baía é a mesma. Só que essa Bahia que eu falo, que é a Bahia profunda. Também conversei, já nessa época, com Bira Gordo sobre isso, é a Baía de Todos os Santos. O turismo científico, cultural, também é a Baía de Todos os Santos. A Bahia Estado, essa Bahia, conforme eu digo: a natureza tem leis; o homem tem moral. A Bahia com H é a moral do homem: é o estado, é a política, é o poder. A Baía com I, não: é um acidente geográfico. Você não mexa com ela, porque ela, por si só, se basta. Ela não precisa nem de mim nem de ninguém. Há pouco tempo mesmo, uns amigos meus queriam que eu fizesse alguma coisa para poder Cachoeira [...] Não! Pelo amor de Deus. Nós devemos à Cachoeira. Cachoeira não me deve nada; nós devemos à Bahia. A Bahia não nos deve nada. O fato de a gente nascer aqui, ser gestado aqui, isso nos qualifica com energia que, somente você sabe dessa energia que te qualifica nesse momento aqui, estando aqui, quando você ainda nem estava - posso falar à vontade? Quando ainda você não estava nos testículos do teu pai. Naquela época, você como espermatozóide, que eram milhões, não é verdade? Foi daqueles milhões, aquele concurso público cósmico [*risos*], você se candidatou e venceu. Deu cabeçada para passar na frente, assim como eu, você, todo mundo aqui, não é verdade?! É um concurso realmente maravilhoso. O certo é que você passou, pegou óvulo, ganhou, deu o seu diploma, o seu Canudo de Papel, caiu depois no útero da sua mãe, foi gestado ali, dentro daquele líquido amniótico. Todo mar é um. Você tava numa baía, né?! O líquido amniótico - todo o mar é um, água é água. Não vamos aqui confundir o entendimento. Quem é esse que tenta confundir o entendimento? Água é água, água nunca vai ser fogo, mas eles se entendem. Fogo nunca vai ser vento. Mas, eles se entendem. Vento, fogo e água nunca vão ser terra, mas eles se entendem,



Cantora Matilde Charles

porque a natureza tem leis, o homem tem moral e, nessa moral toda do homem...

Quando eu encontrei Bira, eu digo: Poxa! que negócio legal! Depois até comentei com Manuca, algumas coisas. Posteriormente, foi aí, que eu vim conhecer Beto Bulhões, através de Manuca, com Celso Cotrim também. Aí nisso, não sei qual deles, disse: você tem que falar com, na época, a sua postulante, que era a vereadora Olívia Santana, na época. Tem algum tempo, que a gente já se conhece. Aquela velha forma de se falar: "eu conheço de hoje", quer dizer...olha só que forma de falar do povo, que sabedoria! "Conheço de hoje", com isso, quer dizer o quê esse dito popular? é que todo dia é hoje. Ontem foi quarta-feira, assim designamos. Quando nós estávamos em quarta-feira, ontem, chamava quarta-feira de quê? hoje! E chamava ontem, quarta-feira, chamava quinta de amanhã. Estamos na quinta, chamamos quinta-feira de hoje. De amanhã, não. Chamamos de hoje, né? Quando che-

gar amanhã, é hoje. Então, quando falei: "eu conheço de hoje", quer dizer que nosso conhecimento é atemporal, nós estamos nessa existência. É um fator físico finíssimo, metido a "gás com água", como diz, assim, metido a importante [risos]. Então, quando eu conheci, pronto, Bira, ele me contou logo uma piada da chegada dele em Angola. Eu digo: já sei que eu encontrei uma pessoa parecida [risos]. Aí demos risadas, não sei se Manuca se lembra disso. Rapaz, foi muita graça. Mas, o certo é que o CEAO foi o meu ponto de chegada, do meu ponto de vista, e realmente foi. E aquilo que eu queria fazer, pronto, no momento não foi possível, que era o turismo científico cultural. Não era também o "Bahia Profunda", não foi possível, era uma conjunção muito complicada, mas pronto: serviu para poder eu sair com o projeto chamado: "O Afro-Barroco em Palestra Musical", no afã de a gente procurar um entendimento entre os beligerantes amigos, que somos nós, os brasileiros. Somos beligerantes amigos e nós, como estamos condenados a viver juntos, temos que encontrar um caminho comum. É, nós temos que procurar agora uma solução. Já sabemos: não adianta mais a gente procurar o erro, porque o erro... entendeu? Agora, nós vamos ter que realmente procurar a solução para isso, qual é a solução. Nós temos vocês, nós temos nós, que hoje em dia, nós já não somos mais aqueles hominídeos de milhões de anos atrás. Hoje nós sabemos esgrimar com a palavra, apesar de sermos músicos. Nós também esgrimamos com as palavras. Isso é bonito. Nós temos consciência do que somos, do que valemos, de quantos somos. Creio que temos agora que saber encontrar estratégia, senão, vamos nos colocar uns contra os outros e a gente não vai sair desse lugar e se viver mais 80 anos, vamos estar vivendo o mesmo momento. Qual a estratégia que nós temos que encontrar? Eu fico triste quando eu vejo, assim: na eleição passada, vi o nosso Irmão Silvio Humberto, do qual eu fiz pronunciamento por ele. Não



gostei da votação que ele levou. O que é feito de nós? Agora eu encosto na parede. Aquela votação de Silvio corresponde com o nosso afã? Eu fiquei triste. Nessa eleição, eu fiquei feliz que eu vi a nossa representante Olívia, entendeu? Mas foi a primeira vez que ela teve uma expressão assim. E por aquilo que nós representamos, pelo amor de Deus! É o Tincoã semântico, entendeu? [risos]. Tem que usar algumas figuras, né, para poder saber. Eu não faço nada diferente, porque nós sempre estudamos nos Tincoãs. Na época, a gente não chamava estudo não, nós sempre ensaiamos, entendeu? [Risos], brincávamos. Esse que é o bom. E eu gostaria que vocês considerassem isso. Que essa é uma homenagem extensiva aos Tincoãs. No geral, desde da sua criação, quando eu não fazia parte e até na sua última formação, entendeu? E de uma forma especial foi quem tocou o barco antes de mim e foi até o fim nos Tincoãs comigo, que foi Dadinho, entendeu? Porque, eu quando cheguei ele

já existia, assim como existiam outros. Depois os outros saíram, mas ele continuou e continua até o final.

Então, gostaria de acrescentar isso. Deixar bem registrado, e falar para o nosso povo: viver é a coisa mais linda que existe. Nós somos um povo de fé, nós temos aquilo que a gente não visualiza, mas nós sentimos que já temos. Nós somos emancipados antes que reconhecessem a emancipação. É por isso que, muitas vezes, eles não entendem como é que nós brasileiros, quando eu falo brasileiros, são brasileiros até negros, são tão felizes, os mulatos são tão felizes, enfim... os periféricos. Esse povo não tem nada, mas por que são tão felizes? Não... nós temos esse prêmio, precisamos agora ganhar o outro prêmio, entendeu? Mas nós somos felizes, nós temos uma felicidade que é própria de nós. A gente sabe chorar rindo e estamos a rir, e sabemos rir, chorando. Nós sabemos, sabemos desinflamar as nossas almas quando ela está muito angustiada.

Eu agradeço a todos vocês! Essa plêiade, plêiade que quer dizer "pessoa de grande saber, né". Que bonito!! Me lembrei da palavra, me lembrei da palavra [*risos*]!! Agradecer a minha família aqui representada na minha esposa Rosa Silva Lima, minha irmã Raimunda Lima, minha sobrinha Estânia Lima e Rai Lima. Aqui, na minha instituição familiar, a quem eu tinha convocado ele para falar por mim é Cloves Caribé, o meu amigo Colé [*risos*], a Tenille, o Tadeu. São família e extensão de família . Nós temos uma família espiritualizada, já. Algo que transcende, entendeu? São pessoas que... quando fez o concurso público cósmico, talvez fez com esse propósito de estarmos juntos [*risos*]. Gente, muito obrigado! Muito obrigado senhor vice-reitor, agradeço mesmo. Obrigado minha Wlamyra Ribeiro. Obrigado aí! Ave Maria, meus irmãos da música, estamos juntos viu? Obrigado aos Alabês. Ó minha sobrinha está aí também. Ó aqui tá Matos, o meu filho, Alabê também. Quem é que eu agradeço mais aqui, meu Deus? A todos vocês, a meus amigos, quer dizer, o meu respaldo intelectual: Maria da Mata, Manuel dos Passos, Pereira Manuca, José Lopes, Zezinho, o Beto Bulhões, Sérgio Siqueira. E aí vai, e aí vai. Quem mais, Meu Deus? Antônio Morais. Gente, eu gostaria de cantar uma música, mas vocês estão vendo como é que eu estou? Canto. Mas, já ouviram como é que eu estou. E seja feita a vontade de Alá:

Reviver

Tudo o que sofreu
Porto de desesperança e lágrima
Dor de solidão
Reza pra teus orixás
Guarda o toque do tambor
Pra saudar tua beleza
Na volta da razão
Pele negra, quente e meiga
Teu corpo e o suor
Para a dança da alegria
E mil asas para voar
Que haverão de vir um dia
E que chegue já

[...]

África, berço de meus pais
Ouço a voz de seu lamento
De multidão
Grade e escravidão
A vergonha dia a dia
E o vento do teu sul
É semente de outra história
Que já se repetiu
A aurora que esperamos
E o homem não sentiu
Que o fim dessa maldade
É o gás que gera o caos
É a marca da loucura

África, ê África, África!

(Milton Nascimento – Lágrimas do Sul
(Para Winnie Mandela).

ENTREGA DA COMENDA UBIRATAN CASTRO DE ARAÚJO

AO MESTRE



Muniz Sodré



Comenda Ubiratan Castro em homenagem a Muniz Sodré

Ponciano de Carvalho
Prof. da Faculdade de Direito da UFBA, diretor acadêmico da Apub

Proferida no dia 14 de Novembro de 2024, por ocasião da Segunda Edição da Comenda Ubiratan Castro, entregue pela APUB, em seu Novembro Negro, ao Mestre Muniz Sodré.

Quando novamente lembramos de alguém que foi inspiração de vida como o Mestre Bira, em homenagem a alguém que é uma inspiração em vida como o Mestre Muniz Sodré, melhor ter um fio de Ariadne escrito para que a emoção não nos leve de roldão, e assim nos percamos no labirinto do tempo.

Tempo que, quase um ano depois da Comenda Ubiratan Castro, nos traz de volta a



esse lugar. E aqui o tempo se faz também como um lugar. Se no ano passado entrelaçamos pelo simbólico desse belo troféu Bira a Seu Mateus Aleluia, agora, tecemos no tempo, Bira ao mestre Obá Aressá (como bem aprendi em conversa com a própria Mãe Ana de Xangó) Muniz Sodré.

E o fazemos aqui na Faculdade de Direito da UFBA, que foi a Casa de formação de Bira, assim como foi, entre 1960 e 1964, a Casa de início acadêmico de Muniz.

E a UFBA continuou em sua vida, daqui recebeu o Doutor Honoris Causa. Mas quando vejo ali, sentado à Mesa, o Prof. Ordep Serra, lembro que Muniz tem assento à cadeira 33 da Academia de Letras da Bahia (ABL). E aqui passo a fazer alguma referência ao belíssimo discurso de posse do próprio Muniz.

E já vou pedindo licença, agô na liturgia da Bahia. Peço agô para saudar os vivos e os mortos. Agora nesse lugar que é a cadeira 33 da Academia, que vincula nessa homenagem, de maneira inicialmente fortuita, às figuras de Bira e de Muniz. Mas lá na ABL esse lugar já é reconhecido como um lugar sensível para a transformação da condição do negro na Bahia, no Brasil, quiçá no mundo.

O seu patrono é o nosso poeta dos escravizados, o abolicionista Castro Alves. Cadeira essa que foi também, na passagem do tempo, de Ubiratan Castro, e depois de Mãe Stella de Oxóssi. Yalorixá icônica do Ilê Axé Opô Ofunjá, onde o nosso homenageado de hoje é Obá.

Tempo que já se esvai para nosso mandato logo ali em dezembro desse mesmo ano. Digo "nosso", porque estou a falar em nome de uma Diretoria da APUB, que, enquanto Chapa, tinha o simbólico nome de "Tecendo o Amanhã". E um dos pontos fundamentais de nosso projeto de tessitura era o de centralizar, na vida universitária e para a sociedade baiana, o tema da desigualdade racial.

E aqui agradeço às minhas queridas presidentas Marta Lícia, e, depois, Clarisse Paradis, por termos gestado e estarmos cumprindo essa promessa.

E se, como nos diz Muniz, a ética é o discurso da morte sobre, ou para, a imortalidade, espero ver, eu que faço agora o discurso de

quem sai, para o discurso de quem dirigirá a APUB logo ali a partir de dezembro, que não se esqueçam da centralidade da questão racial em nossa frágil democracia. Quem sabe e aqui vai um pedido ético-político, que essa Comenda continue no tempo.

A centralidade de um debate que não é identitário no Brasil de 55,5% de população negra, e menos ainda na Bahia, que possui mais de 80% de sua população negra.

Aliás, quem nos identifica como negros não somos nós. Eu nem atinava para fato de que eu era negro. Isso até um dia minha mãe dizer: "Você não pode ficar jogando bola sem camisa na rua, porque você é preto". Os negros desse auditório presencial ou fora dele sabem bem o que eu estou falando.

E quando eu, Muniz, menos espero, quando nem estou me lembrando do fato de eu ser negro, eis que a linguagem, a comunicação do racismo vem e diz: "Ei, você é negro, isso você não pode fazer".

E agora falarei um pouco do meu último encontro com a leitura de Muniz em seu fundamental livro "O Fascismo da Cor". Estou finalizando uma pesquisa sobre a fragilidade, ou impossibilidade mesma, da democracia brasileira, e coloco também no centro dessa escrita a sempre nítida desigualdade econômica e a forte, porém nem sempre tão consciente, desigualdade racial.

Mas desde que iniciei essa escrita, no Brasil tomou conta o discurso de que o racismo seria estrutural, algo que não concordava. Quando comecei a ler o "Fascismo da Cor" percebi que Muniz escrevia no mesmo sentido que eu estava caminhando a minha escrita. E então eu tomei um susto: Será que ele vai falar o mesmo que eu estou aqui ainda escrevendo? Então eu não parei de ler, até que cheguei no que considero a contribuição incontornável de sua tese nesse livro: A de que o racismo não é estrutura, é forma. Assim como uma forma comunicativa.

E aqui me lembro de Jorge Portugal quando diz na música Alegria da Cidade: "A minha pele de ébano é, A minha alma nua (...) Minha pele é linguagem, E a leitura é toda sua".

É que nosso racismo é a imagem. Nosso racismo não é uma gota de sangue, ele é a cor, ele é o cabelo, ele é o nariz, enfim, o nosso racismo é o fenótipo.

E é nesse momento que Muniz vai resgatar um sociólogo pouco falado no Brasil, e inclusive na Alemanha, contemporâneo de Max Weber, que é Georg Simmel. Aqui Muniz vai marcar o racismo como uma linguagem. Uma forma social que é uma realidade a ser buscada na convivência onde são gerados valores comuns. A forma social ultrapassa a estrutura da sociedade escravista que foi extinta em 1888, ao mesmo tempo em que mantém culturalmente a sua substância hegemônica que é a colonialidade. (Ver Sodré, Muniz. *O fascismo da cor: Uma radiografia do racismo nacional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023, p. 91).

Quando li que Muniz caminhava por Simmel, eu pensei, por óbvio, tem relação com o que estou estudando, mas eu caminho por outros autores. Confesso que fiquei feliz comigo mesmo, e pude relaxar e continuar a minha escrita em paz!

E nesse momento lembro de outro negro baiano, esse não de São Gonçalo dos Campos como Muniz, mas de Santo Amaro, Guerreiro Ramos. Não tem como não lembrar, é que Muniz faz o tempo todo "redução sociológica". Muniz conhece como poucos a centralidade do pensamento ocidental, até porque como tradutor e poliglota lê na língua deles (em alemão, em francês, etc.), mas faz uma episteme voltada para o contexto social e histórico brasileiro.

Quando liguei para Muniz para perguntar se aceitava receber a Comenda Ubiratan Castro, falávamos dessa nova onda teórica de que a busca por direitos dos subalterniza-



dos negros seria uma luta identitária. Uma luta que nessa linha, em verdade, afastaria o debate democrático, o qual de um ponto de vista progressista (com o olhar para a justiça social) deveria apenas estar preocupado com o tema da desigualdade econômica, para assim chegar à cidadania.

E então tenho que me lembrar de outro ex-aluno dessa Casa, Milton Santos, que dizia quase não haver cidadania no Brasil. O que havia, e de fato ainda há, é uma democracia de privilégios, uma *contratio im terminis*. Não há cidadania, há sim uma sociedade desestruturada socialmente, porque traz consigo uma enorme massa de subcidadãos, em sua esmagadora maioria de pretos, e uma pequena parcela de privilegiados, em sua esmagadora maioria de brancos.

Nesse sentido, os dados sociais mostram que a desigualdade no Brasil tem cor, e essa cor é negra. O IBGE, no ano passado (em 2023) mostrou que 25% da população brasileira vivia em pobreza ou pobreza extrema. Desses 25% mais pobres, 72% eram negros. Ou em outra conta mais simples que reflete a mesma subalternidade, em



um dado de violência na sociedade baiana, de cada 100 mortos pela polícia baiana em 2022, 98 mortos eram negros.

Essa não é, portanto, uma luta identitária, ou por reconhecimento. Essa é uma luta para estar vivo ou cair morto. Essa é uma luta para acessar direitos fundamentais que constroem um mínimo de cidadania, direitos como educação, saúde, moradia, transporte, previdência e direito a um meio ambiente ecologicamente equilibrado.

Para finalizar, em diálogo com a noção de forma social, trazida pela inteligência de Muniz, é importante ter em mente que a estrutura escravocrata representou um mode-



lo tão enraizado socialmente que terminou por moldar expectativas de condutas, e estabelecer assimetrias, para muito além da abolição oficial da escravatura em 1888. De maneira que fez da cor e da raça marcadores de diferença tão fundamentais, que acabou por converter tais marcadores em uma linguagem determinante para nossa fragilidade democrática, uma linguagem que se descolou de um tempo datado em um passado histórico nem tão longínquo assim, uma linguagem que se apresenta fortemente no presente, e que decisivamente não pode mais ser marginalizada pela filosofia política, pela sociologia e nem mesmo pela teoria do direito.

Uma linguagem que não pode mais ser marginalizada pela Universidade Pública Brasileira!

E é por isso que estamos aqui nessa manhã de uma quinta-feira de novembro, desse Novembro Negro, que serve a todos e todas nós, serve assim a brancos e não brancos, a negros e não negros, serve, em última razão, a construção da própria democracia brasileira.



Clarisse Paradis (profa do Campus Malês da UNILAB, presidenta, em exercício, da Apub)

Começo dizendo da alegria de vivenciar esse momento bonito, cheio de boas energias e que nos fazem vibrar pela potência da universidade pública. Peço agô à Mãe Ana, Mãe Gil e a todas as autoridades religiosas aqui presentes.

Quero saudar a todos e todas as convidadas da mesa. Agradecer a presença da reitoria da UFBA, na pessoa do prof. Penildon. Agradecer a recepção da Faculdade de Direito, em nome da profa. Mônica Aguiar. Agradecer ao prof. Ordep Serra que logo quando cheguei na Unilab para ser professora tive a belíssima oportunidade de ouvi-lo numa aula magna do recém-criado curso de licenciatura em ciências sociais. Saúdo a professora Jamile Borges com alegria de compartilhar esse momento.

Quero agradecer ao meu colega de sindicato, Ponciano de Carvalho, por imaginar muitas formas de celebrar a vida na universidade, sendo um intelectual que desmancha fronteiras e de forma contundente e acolhedora faz acontecer a luta antirracista em todos os espaços.

O auditório está pleno e bonito para homenagear a enorme contribuição do nosso intelectual Muniz Sodré. Nosso por muitos motivos. No sentido de um intelectual brasileiro, que reconstrói, tirando do lugar do não-dito, do escondido, as dinâmicas nacionais do racismo para que possamos criar uma outra consciência coletiva, fundamentalmente democrática. Um pensador que navega por muitos saberes, corrigindo ausências danosas das ciências sociais e nos colocando, socialmente, diante de espelhos.

Recentemente vimos o judiciário decidir o

acesso de uma professora branca a uma vaga docente que, de acordo com a lei de cotas no serviço público, estava destinada a uma professora negra na UFBA. Para remendo da decisão, deliberou que ambas as professoras fossem incorporadas na instituição. Esse caso foi amplamente denunciado pelos movimentos sociais que estão aqui presentes. Esse resultado não é aquele que lutamos. Temos todos, todas, todes a tarefa de lutar contra os privilégios e de salvaguardar os mecanismos de reparação.

Finalizo essa breve fala, dizendo da alegria de ver na plateia a presidente da APUB, Marta Lícia, que tem sinônimo de luta com alegria e também saudar especialmente aos estudantes e professores do Campus dos Malês da Unilab, que vieram de São Francisco do Conde e de vários países da África, conectando esses diálogos transatlânticos, que nos fazem saber mais de nós mesmos como país e que fazem da universidade um lugar de resistência e vivacidade desde as margens.

Para finalizar mesmo com meus últimos segundos, agradecer a presença de todas as pessoas em nome da APUB e desejar uma manhã excelente para todos nós.

Mônica Aguiar (Vice-Diretora da Faculdade de Direito da UFBA)



"Nós o reverenciamos não é somente pelo fato dele ser baiano, dele ter reputação internacional, já ter escrito mais de 40 livros... [...] É claro que todos esses títulos e a sua trajetória acadêmica é muito importante, mas nós o reverenciamos porque, nesta quadra temporal em que nós estamos, a sua presença entre nós representa um aconchego, um acolhimento, o sentimento de que temos alguém que entende a diferença entre as pessoas. Temos alguém que valoriza essas pessoas apesar da diferença. Temos alguém que pensa com alteridade. Temos alguém, entre nós, que não está violando nenhuma regra, no sentido de hierarquização de pessoas, ao contrário, está na nossa sociedade para nos mostrar que hierarquizar é subjugar, e nós não podemos fazer isso de forma alguma. Então, Obá de Xangô Muniz Sodré de Araújo Cabral, seja bem-vindo à nossa Faculdade".

Ordep Serra (prof. da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA e representante da Academia Baiana de Letras)



"Finalmente, dirijo a minha saudação especial para essa figura brilhante, que enobrece a Academia de Letras da Bahia, que é o meu querido amigo e confrade, Muniz Sodré. Um homem brilhante, um homem de uma inteligência fascinante e de uma cultura fantástica. Nesse momento difícil que a gente vive, em que a estupidez se torna arrogante, o fascismo nos ataca com uma estupidez ar-

rogante, é um ato de defesa celebrar pessoas como Muniz Sodré. A entrega dessa Comenda significa também um gesto dos movimentos sociais, da Apub, de todos que estão aqui, no sentido de defender os reais valores. Muniz Sodré representa muito, não só pela sua fantástica cultura e inteligência, mas pelo seu empenho na defesa da democracia, no seu combate contra o racismo, no seu combate em favor dos reais valores".

Jamile Borges (profa da Faculdade de Educação da UFBA, representante do CEAO)

"Se hoje nós temos diretores e diretoras negras é graças também ao legado formativo intelectual de Muniz Sodré. É graças a esse legado intelectual e formativo que nós podemos hoje contar com alguns diretores e diretoras negras. Então, queremos prestar essa merecida homenagem ao nosso mestre com a entrega da Comenda Ubiratan Castro, um dos fundadores do CEAO, e um dos mais brilhantes historiadores da sua geração. E é exatamente em nome desse CEAO, que completa 65 anos e, em nome de todas as causas pelas quais nós temos lutado, que eu entendo que hoje é, de fato, um dia de festa de celebração para nossos ancestrais e também para nossa comunidade. É um momento de celebração e conquistas, não apenas conquistas acadêmicas ou profissionais, mas de uma vida dedicada ao estudo das populações afro-brasileiras, do racismo, do antirracismo,



das relações raciais. [...] O título que hoje se confere não é apenas uma honraria, mas é também o reconhecimento de uma trajetória marcada pelo compromisso inabalável com o progresso das nossas comunidades e pelo esforço incansável em prol de um mundo mais justo, mais igualitário".

Yalorixá Gilmara Santos (Ilè Asè Omi Obàlágbedé)

Gostaria de pedir um agô à nossa ancestralidade, pedir um agô à Exu, porque sem ele na realidade né não existe esse processo da comunicação, isso dentro do nosso entendimento, pedir agô a todos os orixás, a benção dos meus mais velhos a benção a todos que estão aqui, independente da religião, a benção também porque Deus abençoa, Jesus Cristo abençoa, os orixás abençoam, os santos católicos... Acho que importante a gente atrair a positividade para cada um de nós

[...]





Agradecer mais um ano de estar aqui nesse evento tão maravilhoso, tão potente, reconhecendo a história de pessoas pretas, pessoas candomblecistas, pessoas que tem história dentro de Salvador, dentro da cidade da Bahia. Eu me chamo a Yalorixá Gilmara Santos, líder do terreiro Ilè Asè Omi Obàlágbedé, sou filha de Obá, sou filha de Ogum e sou uma das diretoras do Programa Voz do Axé e me sinto sempre de uma forma acolhida aqui pela APUB, pelo trabalho que a APUB vem fazendo, vem trazendo um diálogo muito forte com as comunidades [...] com essa sensibilidade, esse diálogo, principalmente com as religiões de matriz africana, que sofrem muito hoje com a intolerância e com a discriminação. Como dizia a Saudosa Macota Valdina, não tem como a gente manter instituição, principalmente quando a gente fala de Universidade, sem a gente dialogar com as comunidades e a gente precisa ter essa sensibilidade, acesso à Ciência"



Fala do homenageado Prof. Muniz Sodré

14 de novembro de 2024 manhã. Faculdade de Direito - UFBA

Eu quero antes de mais nada pedir agô ao povo de Santo e a Mãe Gil, que está aqui, e a Yá do Axé Opô Afonjá, que mandou uma saudação, mas hoje é um dia de obrigação e ela não pode comparecer. Agradecer a presença de obás, como tá ali presente o meu querido obá Odofin e saudar a mesa, Ordep Serra, Jamile, suas palavras, Mônica, foram muito confortáveis para mim, muito reconfortantes as suas. E o Ponciano que fez um um resumo uma interpretação de minha abordagem teórica, eu diria, uma leitura impressionante. Agradecer aqui claro, não vou nomear os amigos, a presença de Dulce, amiga de 50 anos, de minha irmã Laura que tá ali e da minha esposa que é professora da UFRJ Raquel Paiva, tá ali filmando.

Eu diria que é uma honra mas é também uma surpresa uma grande surpresa que essa homenagem se passa exatamente na faculdade onde eu me graduei em Direito. A surpresa porque na verdade eu acabei não trilhando na vida caminhos jurídicos. Eu sou praticamente ignorante em Direito e exceto algumas disciplinas que vou falar depois. Por isso é que eu vou me permitir fazer aqui em vez de uma palestra doutoral sobre cultura Negra sobre identidade eu vou me permitir fazer um pequeno relato pessoal de meu percurso que é um percurso plural e às vezes contraditório onde, claro, vai entrar o meu pertencimento ao Axé.

Então a primeira pergunta é: por que Direito? Como é que eu vim aportar nessa fa-

culdade onde eu não pisava há mais de 40 anos. Eu estudei aqui. É que ainda no Colégio Central, Colégio da Bahia, onde eu estudei, meu querido e meu vibrante professor de Filosofia que é Machado Neto, que também foi professor desta casa, foi a pessoa que me passou o meu primeiro livro de filosofia que eram as "Lecciones preliminares de filosofía" de Manuel Garcia Morente. Ora, Machado Neto era um brilhante professor de Filosofia e na verdade eu adorava o Machado Neto desde o Central. Ele falava de Hegel que ninguém parecia entender muito menos eu não entendia Hegel, exceto quando Machado dizia que vinha do Direito o princípio universal de todo o ordenamento possível dos conflitos isso é de Hegel e isso casava bem comigo. Era muita coisa para um menino como eu criado na boca do Sertão, sou de São Gonçalo, criado em Feira de Santana, na boca do Sertão. Que outras influências principalmente o meu pai. O meu pai cultuava a retórica dos tribunais. Ele acha que o indivíduo de valor tinha que falar e essa coisa, eu na verdade sempre falei pouco. Então empurraram para esse caminho mas havia quem discordasse. Eu não sei quem foi realmente Pereira de Souza, mas uma frase achada ao acaso num livro vale como guia dos meus tempos de faculdade para mim: "o estudo de Direito seria inútil se a justiça não pudesse ser reduzida a ato, se fosse só abstração". Ora, eu não posso exatificar realmente o que é que Pereira de Souza dizia, mas eu chegava convicto de que o Direito sacramentava por leis uma relação de equidade entre os homens e que isso regeria a vida da gente: a Equidade. Depois eu vim descobrir que não havia aqui na Bahia, havia tudo menos Equidade. Então seria a justiça como direitos mais fracos, que ela seria Universal. A justiça como um nome público do amor, outro nome para amor: a justiça. Então reduzir o Direito a ato garantiria a convivência. Mas eu me pergunto: seria isso mesmo? Quer dizer o que de fato me mobilizava era o sentimento mal alinhavado da busca de justiça social. Isso eu trouxe de meu pai, que eu não sei nem se tinha o curso secundário mas era poeta, jornalista, rábula e tinha um livro enorme velho com toda a campanha de Prestes. Isso eu conseguia perceber na minha primeira Universidade antes dessa aqui e que acompanhou essa aqui que foi o Jornal. O jornal era o Jornal da Bahia. Ali eu ouvi falar pela primeira vez de um alemão chamado Karl Marx que me encantou. E o jornal da Bahia foi a minha grande escola ao lado dessa. Era um jornal de João Falcão majoritariamente comunista na formação dos profissionais, mas apenas liberal na prática. Quando depois, eu fui secretário de imprensa do Milton Santos que conhecia o meu pai, ele foi subchefe do gabinete civil aqui na Bahia ele veio, me convidou, ele não me conhecia ele disse: "Meu filho, me pediram para lhe resgatar aquele antro de comunistas", que era o Jornal da Bahia. Não me resgatou, mas eu trabalhei com o Milton Santos, que foi meu amigo a vida inteira. Então o jornal estava cheio de gente ciente de que esse o Direito pomposo só dissimulava a injustiça dos bem nutridos para com os escravos da fome. Quer dizer, o jornal buscava a verdade dos fatos enquanto a verdade jurídica ficava cabresto da burocracia dos processos. Essa ideia que eu tinha mas a faculdade tinha professores ilustres, era uma faculdade de grandes professores. Só que ela me parecia ter olhos apenas para a consolidação daquilo que a política dominante considerasse justo. Quer dizer, a lei era uma a codificação de uma realidade enviesada e continua a ser até hoje. E Teixeira de Freitas, que foi a glória baiana dos estudos jurídicos, para mim era só um codificador legal, ele não me entusiasmava realmente, como me entusiasmava ler fragmentos de Marx. Só que eu aprendia também, mais no Jornal do que na faculdade, que sem essas leis enviesadas não existiria jornal. E foi o meu mestre, meu guru no jornal, Arioval-



do Matos e meu amigo a vida inteira, que me ensinou ele disse: "Muniz, sem as leis a turma fecha o jornal". Então eu já comecei a mudar. Então eu devaneava muito nessa época, também não me mostrava muito aos colegas. Nenhum colega meu durante todo o tempo soube que eu era atreito e afeito ao terreiro, que eu ia aos tireis vou falar depois, esses já morreram também eu vou falar depois, mas tá vivo aqui um que eu conheci em Lides políticas um militante que é o Joviniano Neto. Tá ali o Joviniano Neto, do meu tempo. Portanto ficou arraigado em minha convicção de que é preciso batalhar sempre pelo Estado de Direito, você gostando ou não de Direito você tem que batalhar pelo Estado de Direito. Quer dizer, é uma luta de ontem e é uma luta de hoje. O que eu vim saber com certeza é que os colegas de faculdade se dividiam entre futuros profissionais de redução do direito a ato, portanto advogados que militavam e futuros poetas das Ciências Sociais, de filosofia ou qualquer coisa que nada tivesse a ver com a rotina de cartórios e tribunais. Eu estava nesse segundo grupo, eu sempre estive nesse segundo grupo. Eu acho que tudo isso tinha a ver com as possibilidades oferecidas pelas escolas ditas de Elite, essa aqui sempre foi uma escola de Elite. Era uma escola de Elite. A Faculdade de Direito da Bahia era uma escola de elite, datava de 1891 e era das primeiras do país, mas não era a primeiríssima. A primeiríssima honra cabia ao Nordeste a Faculdade de Direito do Recife que data de 1827. Ao mesmo tempo que a Faculdade de Direito de São Paulo, que foi autorizada por decreto do Imperador Pedro I, a de São Paulo. O que se chamou Escola do Recife, irradiada pela Faculdade Pernambucana tinha mais a ver com uma movimentação filosófica, crítica e poética do que com a prática em tribunais, a escola do Recife era mais isso. Embora naturalmente, claro, não tivesse excluído a formação de advogados. Na escola de Recife estudaram cabeças baianas e outras cabeças diversas como Rui Barbo-

sa, estudou em Recife. Castro Alves estudou em Recife. E dali partiram figuras de grande destaque na vida pública e literária do país como Tobias Barreto, Clóvis Beviláqua, Joaquim Nabuco, Barão do Rio Branco, Epitácio Pessoa, Nilo Peçanha. Nilo Peçanha que foi o presidente negro do Brasil é pouco falado isso, porque retocam o retrato Nilo Peçanha, mas Nilo Peçanha era negro e foi o único presidente negro que o Brasil teve. Silvio Romero, Teixeira de Freitas, Augusto dos Anjos, o poeta da Faculdade de Direito de Recife, Graça Aranha e muitos outros. Na órbita da escola de Recife gravitavam jornalistas educadores coletivos de peso considerável que não enveredaram necessariamente pela advocacia. Então o estudo de Direito na Escola do Recife ainda que se contemplar a sua imediata redução a ato, contrariava o argumento de Pereira de Souza que espraiando por letras e por filosofia, o direito não podia ser razoavelmente classificado como inútil.

Então guiados por Tobias Barreto, setores ponderáveis das elites recifenses, se diziam cultores da fisu da língua alemã. Tobias Barreto dizia que era língua útil para o trabalho do pensamento e o trabalho das ciências o alemão. Eu sempre tive um pé atrás com alemães, por causa da Guerra, devo confessar. Que o filme de guerra sempre me botaram com pé atrás com alemães, mas não com a língua alemã de que eu sou cultor, era cultor já aqui na Bahia e sou cultor até hoje. Eu gosto muito de, digamos assim, meu conhecimento da língua alemã que eu acho que partilho com Ordep. Mas comecei aqui nesta faculdade. No início do curso eu pude assistir uma conferência de Cândido Mendes que me impressionou muito foi ainda lá na faculdade lá no início da Rua Joana Angélica. E mais tarde eu me tornei amigo do Cândido Mendes até o falecimento dele. Nessa época também me impressionou muito o encontro que foi na faculdade com a mãe de Che Guevara com que eu tive o prazer de ciceronear ali em torno. Me impressionou muito a mãe dele, eu não conhecia Guevara mas conhecia a mãe que é como eu chamei na época chamava uma mãe retada, né? Por assim dizer, uma mãe mais radical do que o filho, ela era mais radical do que o próprio filho. Aquilo me impressionou muito. Mas o que me pareceu chato logo de saída foram gravata e paletó obrigatórios. Tinha ainda na faculdade antiga era obrigatório. Eu dizia que era coisa das antigas, eu na verdade só tinha um terno e uma gravata que foi dada pelo Milton Santos e eu obrigado a usar aquela roupa o tempo todo eu dizia que paletó e gravata era coisa do tempo de Dom Corno. Quando funcionário, empresário e comerciante saiam às ruas enfrascados em terno branco e gravata. Casava bem com o velho prédio, o paletó e a gravata na Rua Joana Angélica porque o prédio ficava perto do convento onde a freira Joana Angélica foi morta à baioneta por um soldado português na guerra da Independência. Ela disse "vocês não entram aqui. Aqui não entram nem armados". Aí baionetaram ela. Mas casa bem ainda hoje com a Fraternidade burocrática em que as regras são pautadas pela roupa. No mundo jurídico, pelo menos lá no Rio, eu conheço sou amigo de desembargador, promotor, até de Ministro do Supremo ex-ministro Joaquim Barbosa, paletó é muito mais do que roupa. Paletó é o pretexto para juízes e procuradores partilhar a esperteza do auxílio paletó. Mas então eu me juntei a um pequeno grupo na redação, não sei se o Joviniano fez parte, mas o pequeno grupo era eu Zé Romélio Aquino, Duarte Vilda Santiago, fizemos um jornalzinho, um Manifesto Ecológico que eu redigi em favor da abolição do terno, usamos o argumento da da ecologia e ganhamos! Essa vitória foi recebida por mim com o argumento de que argumentos podiam realmente mudar alguma coisa no mundo. Mudou e acabou com paletó. Quando passamos por esse prédio novo aqui já não precisava



mais paletó. Mas poderia também não ser nada disso, quer dizer, na época a grande Universidade baiana efervescia mas em áreas surpreendentes para as tradições familiares. As faculdades de dança cuja liderança a pessoa tá aqui uma liderança Extraordinária na época que era Dulce, a professora Dulce que ainda hoje movimenta a Bahia, as faculdades de Teatro de Música, por aqui passou Koellreutter, Smetak, que tiveram grande influência sobre os os baianos, sobre Caetano, sobre Gil e incentivados por uma cabeça muito aberta do reitor que animavam a vida cultural. O reitor tinha sido Edgar Santos. Cabeça muito aberta, um homem da conservação, do conservador baiano, mas teve uma cabeça muito aberta pra universidade. Isso animava a vida cultural então é possível que a nossa abolição de paletó e gravata tenha sido a única demonstração de modernidade da área jurídica, os outros eram sisudos. Outras coisas também pareciam contornáveis para mim. Como era difícil escutar sem dormir uma aula inteira, me desculpem professor, de direito romano, eu era latinista, mas eu não gostava de Direito Romano, sobre as institutas de Gaio ministrado por uma pessoa...um professor baixinho venerável com um latinório abundoso, se dormia. Na época nós dormíamos. Mas o revés ativo vinha de gente acordada. Uma noite no Cacique, no bar Cacique, ainda tinha um bar Cacique ali, nós estávamos bebendo um colega telefona para a casa do professor, o Institutário rogando, eu redigindo assim tenho que dizer isso que eu era de bastidor "Eminente mestre, boa noite. Perdão pelo avançado da hora", que era a noite na casa dele, "mas sobre Gaio, uma dúvida me

aflige" no que o professor o preletor solícito e pressuroso pelo inusitado do fato, que ninguém parecia se interessar ele disse "Sim meu filho, qual é a sua questão?" e o interlocutor que uma voz bonita disse assim "Se o papa se chamasse Gaio, ele seria naturalmente o papagaio?". Bom, eu não vou dizer o nome do professor. Seria injustiça grave deixar de reconhecer a glória sisuda nessa faculdade de que para mim era o Mestre dos Mestres, que era nome ressonante além das fronteiras baianas. Algumas pessoas se referiam a ele como a cabeça, a cabeça porque é a sede ambulante do saber incomparável sobre direito civil. Eu me refiro a Orlando Gomes. Orlando Gomes era a cabeça. Ninguém ousaria dormir na aula dele principalmente porque seria escrutinado por ele, que aí era fogo. Ele não sentava, tinha um cigarro na mão que ele não acendia, nunca sustentava entre os dedos e nem bebia o cafezinho que o funcionário colocava sempre na mesa dele. Trazia um cafezinho que ele nunca bebeu e eu nunca vi ele acender o cigarro. Havia aposta sobre o dia em que uma dessas ações dele pudesse ser desencadeada. Tudo em vão porque Orlando Gomes despejava febrilmente sobre as cabeças mesmerizadas sem consultar ficha, nem papel a torrente caudalosa do civilismo. Os grandes admiradores auguravam o reconhecimento nacional e diziam que vai ser magistrado no Supremo Tribunal Federal. Não, não seria para menos. Ele vai disseminar sabedoria no Supremo. Mas eu ouvi de uma cabeça malandra o argumento contrário. 'Nada disso! São raríssimas as grandes questões cíveis que vão parar na Corte Suprema. Os ministros do Supremo são leões de chácara da Constituição. Eles não conhecem o direito civil. E então Orlando Gomes não chega lá' e não chegou. 'Dos luminares daqui vai ascender quem tiver padrinho político muito forte e um latinório resplandescente. Alguém de saber tão inútil como o Direito Romano'. E essa explicação se revelaria Profética. Eu declino por gentileza o nome da pessoa, mas foi um ministro Supremo daqui dessa faculdade. Mas além dessas anedotas polares, havia os mestres regulares que destinavam disciplinadamente às suas matérias. Para mim, um ativista da filosofia social, foi ficando cada vez mais claro que o Direito era para mim uma literatura chata feita por escrivães que se tinham como autores de ciência. Isso se confirmou para mim numa visita técnica a um cartório como aula prática. Os livros e os processos me pareceram biblioteca da violência dos juízes. Eu não enxergava virtude no que lia eu não estava destinado a fazer carreira, por isso eu cheguei a esse ponto. Porque eu era gauche na vida, eu era esquerda na vida. Depois morava na minha cabeça uma tirada de Victor Hugo, no livro que ele escreve sobre a Dezembrada Francesa, 1850 por aí, sobre uma alma, um francês que estava destinado a subir na vida, se subir na virtude. Victor Hugo dizia 'ele era astuto, intrépido e ingrato. Três qualidades para fazer carreira'. Então, no lugar mais adequado, essa alminha chegou a General e golpista. Foi golpista do lado de Napoleão III, Bonaparte. E Hugo, afiado como uma navalha, disse assim: 'Mais tarde um cavalo maltratado arrancou-lhe uma das faces com a dentada de modo que não havia naquela cara mais do que uma face para uma bofetada'. Eu queria começar a falar do alunado aqui da época que merece uma etnografia. Uma etnografia tipo essas que os etnólogos inventam sobre as ficções que eles mesmos criam a partir das observações dos outros. À vista inquilina, compasso no olho sobressaía a etnia dos ricos urbanos. Brancos, claro. Não era só questão de bens, mas da aparência que se sabe inerente, eu diria essa raça, essa raça dos ricos brancos. Alguns auricomus, cabelo branco. Outros melanocomus, mas todos brancos. Barbifeitos, num toque de grife que ia nas roupas, a atitude. Uma condescendência com o resto



falsificada, nós damos a honra de estar ao lado de vocês. Então eram moços e moças que tinham plano de vida e carreira. Então nos rostos havia aquela certeza estampada de que seriam ainda mais ricos e que ocupariam postos de mando nos aparatos de Estado aqui da Bahia. Fossem procuradores, juízes, desembargadores. Não eram muitos, sentavam sempre perto uns dos outros na sala. Em seguida vinham os ricos rurais, filhos de fazendeiros na maioria. De um modo geral eram trigueiros ou, no entanto, alvaiadados que se tinham como níveis brancos baianos. Supunha-se que fossem mesmos ricos embora pouco se soubesse dos esforços dos pais fazendeiros que às vezes não tinham capital nenhum em meio à tensões latifundiárias, mas sacrificando arrobas de boi para garantir o diploma triunfal do escolhido que era o melhor da prole. Em terceira posição vinham os livre atiradores, Russos cardões, mulatos terrosos, e pretos que não pertenciam a nenhuma etnia exclusiva. preto assim pálido era eu preto preto era uma única pessoa que se formou aqui que durante todo o curso eu nunca vi dar uma palavra. Era impressionante, ele falava nas provas orais mas com os colegas ele não dava. Ele era intimidado demais, ele não era um um preto moderno como eu, que é um preto ousado, né? Então alguns podiam ser vistos depois das aulas no restaurante universitário situado no Corredor da Vitória, perto do novo prédio daqui da Faculdade, no bairro da Graça. O refeitório para quem vinha do interior era uma bênção porque comia-se praticamente de graça, em pratos recolhidos uma bandeja de plástico marrom, sob supervisão gastronômica de um perito que chamava mestre Wilton. E em anos anteriores dizia-se que a comida era ainda melhor, um quase luxo porque tinha peru assado aos domingos. Eu não peguei. Mas eu não tinha queixas. A vida me molhava a sopa, o que caísse dos céus para mim era maná e eu também já tinha entendido que formar advogados não era tanto questão



de saber a dita ciência do direito, e sim de fazer os outros acreditarem que você sabe. O diploma era o sacramento, a prova da ordem era o rito de passagem. Curiosamente eu também tive a carteira da ordem. Mas eu também acabei compreendendo que numa faculdade como essa aqui, às vezes mais importa como se diz do que aquilo que se diz. Ou seja, importa a qualidade da pessoa, e essa qualidade do professor não é medida pelo conteúdo do saber ingurgitado, mas é pela irradiação do caráter que é a dimensão mais formativa na escola e na universidade: a dimensão do caráter. Eu tinha uma singularidade, com respeito a meus colegas de turma, porque na verdade eu não falava nunca nem para meus amigos mais próximos, eu aprendia muito no xirê do Ilê Axé Opô Afonjà, no terreiro do Ilê Agboulá, na Ilha de Itaparica com o mestre Didi, que foi meu mestre, no terreiro de Olga de Alaketu, onde eu levava às vezes turistas, eu levava mais na Olga do que no Axé. Mas essa dimensão formativa abrange os colegas, abrange os funcionários dessa escola, abrange também as paredes do prédio. Tudo que se constituiu no ninho para que depois os filhotes se arriscassem a voar. Eu sou um desses filhotes. Ora, cada um então fazia suas escolhas professorais, tinha seus ícones. Os meus eram Machado Neto, Nelson Sampaio de Teoria do Direito, Orlando Gomes, Calmon dos Passos, Raul Chaves que eu acho que dá nome a essa sala. Aliás, a filha do Raul Chaves era colega nossa. Esses foram faróis para mim como digamos empuxo formativo por qualidade de pessoa, caráter, mas eu coloquei em primeiro lugar Machado Neto com filosofia e vendo a pouco as minhas notas no memorial. Eu estranhei



porque eu me achava O BOM em Filosofia, mas o Machado Neto me deu no final nota 7,8. Ora, e dos colegas que faleceram permaneceram amigos de vida inteira aqui. Duarte Lago Pacheco que foi o aluno mais brilhante da minha geração nessa escola. Eu não conheci ninguém tão mais brilhante quanto Duarte aqui na escola depois na luta contra a ditadura em São Paulo e na Fundação do AP, foi dos fundadores do AP, que faleceu no ano passado, foi amigo assim até o final da vida. Uma das pessoas mais brilhantes que eu conheci na minha vida, foi colega e amigo meu aqui. Depois Vilter Santiago, jornalista, foi professor da Economia. Quase irmão meu. Dividimos apartamento. Depois amigo e que aliás votou em mim na Academia de Letras do Brasil, João Ubaldo Ribeiro, esse amigo também de vida inteira. Depois José Romélio Aquino falecido no ano passado e que foi esposo da Dulce. Depois Carlos Nelson Coutinho esse desde a faculdade até o resto da vida. Carlos Alberto Oliveira Caó, autor da Lei Caó, da Lei Antirracista que foi colega aqui de faculdade e se formou comigo. Não se formou na formatura porque botaram o retrato dele no A Tarde com PROCURA-SE os militares e ele teve que fugir pro Rio, mas ele teria se formado junto. Eu diria que essas pessoas e vivo está aqui esse meu colega Joviniano Neto, é uma surpresa para mim eu não reconheci. Eu diria que essas pessoas são sombras importantes do meu percurso. Mas eu próprio, também, daqueles meus 20 anos de idade, dentro das paredes desse prédio eu não sou muito mais do que um traço, uma sombra, uma reminiscência. Daí a gratidão e a grande alegria por essa homenagem. Muito obrigado.

NOVEMBRO NEGRO APUB

Realização

APUB SINDICATO

FILIADO PROIFES CUT BAHIA

Apoio

UFBA Universidade Federal da Bahia

Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia

CARBUFBA

PPGCP UFBA

PPGH UFBA

facom FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UFBA

A VOZ DO AXÉ

ceao Centro de Estudos Afro-Orientais

IHL - MALÊS Instituto de Humanidade e Letras

UNILAB Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

EmPodDer Grupo de Estudos em Poder, Direito e Democracia